

SANTOS, G. N.; NUNES, T. S.; CUNHA, V. A. Do mito ao meme: atualizações da mitologia contemporânea em uma abordagem semiológica interdisciplinar. *ReVEL*, v. 23, n. 45, 2025. [www.revel.inf.br].

**DO MITO AO MEME:**  
**ATUALIZAÇÕES DA MITOLOGIA CONTEMPORÂNEA EM UMA**  
**ABORDAGEM SEMIOLÓGICA INTERDISCIPLINAR**

*From myth to meme: Updates of contemporary mythology  
in an interdisciplinary semiological approach*

**Gerdeson Nascimento Santos<sup>1</sup>**  
**Talita da Silva Nunes<sup>2</sup>**  
**Viviane Alves Cunha<sup>3</sup>**

erdeson2018@gmail.com  
talitanunes.20200005846@uemasul.edu.br  
viviane.cunha@uemasul.edu.br

**RESUMO:** Este artigo propõe uma releitura da teoria do mito elaborada por Roland Barthes em **Mitologias (1957)**, analisando como os memes digitais operam como mitologias contemporâneas. Com base em uma abordagem semiológica e interdisciplinar, o estudo investiga como os memes naturalizam discursos políticos, sociais e culturais, reforçando ou subvertendo ideologias na cultura digital. Dialogando com Barthes e outros teóricos da comunicação, como Limor Shifman (2014), Henry Jenkins (2009) e Pierre Lévy (1999), o trabalho busca demonstrar que, apesar das transformações tecnológicas, os mecanismos de naturalização simbólica descritos por Barthes permanecem ativos no cenário midiático atual. A análise de memes exemplifica a permanência dessas estruturas, revelando como o mito, longe de ter desaparecido, adapta-se às novas condições técnicas e culturais da sociedade em rede.

**PALAVRAS-CHAVE:** semiologia; cultura digital; memes.

**ABSTRACT:** This article proposes a reinterpretation of Roland Barthes's myth theory, as developed in **Mythologies (1957)**, by analyzing how digital memes function as contemporary mythologies. Based on a semiological and interdisciplinary approach, the study investigates how memes naturalize political, social, and cultural discourses, reinforcing or subverting ideologies within digital culture. In dialogue with Barthes and other communication theorists such as Limor Shifman, Henry Jenkins, and Pierre Lévy, the paper aims to demonstrate that, despite technological transformations, the mechanisms of symbolic naturalization described by Barthes remain active in today's media landscape.

---

<sup>1</sup> Especialista em linguística aplicada e morfossintaxe pela Faculdade do Leste Mineiro (FACULESTE).

<sup>2</sup> Formada em Letras – Licenciatura em língua portuguesa e literatura portuguesa pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Letras – Licenciatura em língua portuguesa e literatura portuguesa na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

The analysis of memes exemplifies the persistence of these structures, revealing that myth, far from disappearing, adapts itself to the new technical and cultural conditions of networked society.

**KEYWORDS:** semiology; digital culture; memes.

## INTRODUÇÃO

A publicação de **Mitologias** em 1957 representou um divisor de águas nos estudos culturais e da comunicação. Roland Barthes, ao lançar seu olhar crítico sobre fenômenos aparentemente banais do cotidiano, como as propagandas, a luta livre e a publicidade, revelou como essas práticas culturais carregavam uma complexa operação de naturalização de ideologias. A linguagem, para Barthes, é sempre carregada de interesses e valores, e o mito, como um tipo especial de linguagem, atua mascarando essas construções sob a aparência da normalidade.

Em um cenário como o atual, no qual a comunicação é cada vez mais veloz, fragmentada e mediada por algoritmos, a questão central que se impõe é a de como a lógica mítica identificada por Barthes se reinscreve nas práticas digitais. A circulação massiva de memes nas redes sociais, que muitas vezes são compartilhados sem reflexão crítica, oferece um campo fértil para investigar a persistência e a transformação dos processos de construção do senso comum.

Ao observar a proliferação de memes que tratam de política, comportamento, identidade e cultura, percebe-se que o humor e a ironia, longe de neutralizar as tensões sociais, muitas vezes operam como estratégias de reforço ou de contestação de ideologias. Como aponta Limor Shifman (2014), os memes funcionam como molduras interpretativas que definem a maneira como eventos e narrativas são compreendidos pelo público. Essa função é notavelmente semelhante àquela atribuída ao mito por Barthes, ainda que adaptada às novas condições de produção e circulação de sentidos.

Este artigo propõe uma atualização da teoria barthesiana do mito, situando-a no ambiente da cultura digital e dos memes. A hipótese que orienta esta investigação é que, apesar das mudanças tecnológicas, os processos semiológicos fundamentais descritos por Barthes continuam operando, ainda que em novas configurações e com novos desafios. A análise empreendida visa demonstrar que o mito, como prática de naturalização de sentidos, não apenas sobrevive na era digital, mas encontra novos modos de se afirmar e de estruturar o imaginário coletivo.

## 1. O MITO EM BARTHES: LINGUAGEM, IDEOLOGIA E NATURALIZAÇÃO

Em **Mitologias**, Barthes propõe uma concepção inovadora do mito enquanto sistema de segunda ordem de significação. Diferentemente da linguagem ordinária, que articula diretamente um significante a um significado, o mito opera transformando o signo da linguagem em significante de um novo signo, cuja função é revestir de naturalidade um conceito ideológico. Esse mecanismo permite que realidades históricas sejam apresentadas como evidências naturais, imutáveis, incontestáveis.

Nesse sentido, é importante explicitar de maneira mais detalhada a teoria barthesiana do mito para compreender como ela se articula às práticas discursivas contemporâneas, como os memes digitais. Barthes (2009) entende o mito não como uma mentira ou uma ficção, mas como uma forma de linguagem que reorganiza os signos culturais, deslocando-os de seu contexto histórico para apresentá-los como naturais. A operação mítica, portanto, não consiste em inventar um sentido novo, mas em esvaziar um signo de sua densidade histórica e preenchê-lo com um novo significado, transformando-o em evidência aparentemente óbvia. O mito é, assim, uma fala carregada de intencionalidade ideológica, mas apresentada como neutra, como se emergisse espontaneamente da realidade.

Dessa forma, o que Barthes chama de “sistema de segunda ordem de significação” corresponde exatamente a essa capacidade de o mito reaproveitar signos já existentes — por exemplo, uma imagem, um discurso ou um hábito — e reinscrevê-los em um campo simbólico que oculta as contradições sociais. No primeiro nível, temos a estrutura saussuriana: significante (forma) + significado (conceito) = signo. No segundo nível, esse signo passa a funcionar como significante de um novo processo, cujo resultado é a construção de um mito. Esse mecanismo explica por que o mito é tão eficaz: porque ele se apresenta como evidente e natural, quando, na verdade, é histórico e ideológico.

Esclarecer esse ponto é essencial para o deslocamento que este trabalho propõe ao analisar os memes. Tal como os anúncios, a publicidade e as fotografias analisadas por Barthes nos anos 1950, os memes funcionam como veículos de signos cotidianos que são rapidamente ressignificados, naturalizando ideias sociais, políticas

e culturais. A teoria barthesiana do mito, portanto, fornece o instrumental necessário para entender de que maneira essas imagens digitais aparentemente triviais condensam e reproduzem ideologias no cenário contemporâneo.

Para compreender melhor esse processo, é necessário retomar a teoria saussuriana que serve de base à semiologia barthesiana. Segundo Ferdinand de Saussure (2012), o signo linguístico resulta da união entre significante (a forma material, sonora ou gráfica) e significado (o conceito mental associado a essa forma). A relação entre ambos é arbitrária, estabelecida por convenção social, e dessa articulação nasce o signo. Barthes parte dessa concepção estrutural para propor que, no mito, o signo de primeira ordem (significante + significado) transforma-se em novo significante de uma segunda ordem, responsável por naturalizar ideologias e torná-las aparentes como verdades universais.

Ao analisar exemplos como a fotografia de um soldado negro francês, Barthes revela como o mito pode transformar um símbolo histórico a participação de colonizados nas forças armadas em uma prova da harmonia racial e da justiça do colonialismo, obscurecendo as relações de poder e dominação que esse fato histórico encobre. Para o autor, o mito é essencialmente **uma fala roubada**, uma linguagem sequestrada para servir interesses de conservação social (BARTHES, 2009).

Essa leitura é corroborada por Terry Eagleton (1991), que aponta que o mito atua de forma semelhante à ideologia marxista, ao mascarar as contradições sociais e apresentar a ordem vigente como algo natural. De acordo com Eagleton, a força do mito reside exatamente em seu caráter invisível: ele não impõe crenças de maneira autoritária, mas as infiltra de forma sutil, pela mediação simbólica.

Compreender essa dinâmica é fundamental para pensar o mito na cultura contemporânea. Como observa Barthes, o mito não mente descaradamente; ele desloca o sentido, esvaziando o conteúdo histórico e preenchendo-o com uma aparência de obviedade. Esse mecanismo é ainda mais potente no ambiente digital, onde as mensagens circulam de forma acelerada e, muitas vezes, sem a possibilidade de verificação crítica. Assim, ao adaptar a teoria barthesiana ao estudo dos memes, é preciso atentar para essa capacidade de deslocamento e naturalização que permanece operando, embora sob novas condições técnicas e culturais.

O mito, portanto, não é um artefato do passado, mas uma estrutura viva, que se atualiza em cada nova configuração social. Nas palavras de Barthes, "o mito é uma

fala escolhida pela história: não pode surgir da natureza das coisas" (BARTHES, 2009, p. 241). E na sociedade da informação, onde a disputa pelo sentido é intensa e fragmentada, essa fala histórica encontra nos memes uma de suas expressões mais eficazes.

## 2. CULTURA DIGITAL E MEMES: UMA NOVA CONFIGURAÇÃO DA MITOLOGIA

A cultura digital introduz profundas transformações nas formas de produção, circulação e recepção dos sentidos sociais. Se no tempo de Barthes a imprensa e a publicidade eram os principais vetores de naturalização ideológica, hoje essa função é amplamente exercida pelas redes sociais e pelas plataformas digitais, onde os memes assumem protagonismo.

Os memes digitais são unidades culturais caracterizadas pela replicabilidade, mutabilidade e capacidade de circulação em alta velocidade. Limor Shifman (2014) descreve os memes como **fragmentos de cultura** que viajam através das redes, sendo apropriados e ressignificados pelos usuários. Segundo a autora, sua estrutura compacta e seu forte apelo emocional os tornam instrumentos poderosos de moldagem do imaginário coletivo.

Henry Jenkins (2009), ao tratar da cultura participativa, argumenta que os memes exemplificam o deslocamento do poder comunicacional das instituições tradicionais para os indivíduos e comunidades. No entanto, essa descentralização não elimina as lógicas ideológicas; pelo contrário, introduz novas formas de mediação simbólica, muitas vezes mais sutis e eficazes do que as anteriores.

Pierre Lévy (1999) também enfatiza que a inteligência coletiva promovida pela internet não é imune à construção de mitologias. Em sua análise, a multiplicidade de vozes não impede a formação de consensos artificiais, construídos a partir da repetição incessante de determinados signos e narrativas. A naturalização ideológica, portanto, continua operando, ainda que sob novas formas e com novos meios.

Além dessas considerações, é fundamental compreender o meme também como um gênero comunicativo específico, que se consolidou no interior da cultura digital com regras próprias de produção, circulação e recepção. De acordo com Shifman (2014), os memes da internet não devem ser vistos apenas como imagens isoladas, mas como grupos de textos que compartilham características comuns,

circulando em rede por meio da lógica do remix e da replicação. Essa definição desloca o meme de uma noção restrita de piada visual para um campo mais amplo, em que se articula humor, crítica social, identidade e engajamento político.

Nessa perspectiva, o meme é marcado por três dimensões principais: a) a replicabilidade, pois depende de sua capacidade de ser compartilhado e reproduzido em diferentes contextos; b) a mutabilidade, já que os usuários constantemente remixam os formatos, adaptando-os às situações vividas; e c) a intertextualidade, pois cada meme dialoga com outros discursos, imagens e práticas culturais. Jenkins, Ford e Green (2013), ao discutirem a “circulação participativa”, destacam que o remix digital não é apenas um processo técnico, mas um modo de apropriação cultural que redefine o valor das mensagens. O meme, portanto, é sempre resultado de um processo coletivo de ressignificação, em que a autoria individual se dilui diante da força da comunidade que o produz, transforma e compartilha.

Danesi (2017) acrescenta que a ascensão da linguagem visual na era da internet emojis, GIFs, memes evidencia uma transição comunicativa em que o texto verbal e a imagem se fundem, criando novas formas de expressão cultural. Nesse sentido, o meme pode ser considerado um “gênero multimodal”, pois articula elementos linguísticos, visuais e performativos, condensando narrativas complexas em unidades breves e altamente compartilháveis. Essa condensação é justamente o que lhe confere eficácia simbólica: em poucas palavras e imagens, o meme expressa tensões sociais, valores e críticas de maneira imediata.

Portanto, compreender o meme como gênero, implica reconhecer que ele é inseparável do processo de remix cultural característico da sociedade em rede. Como afirma Lemos (2009), a cibercultura é atravessada pela lógica da recombinação, em que os sujeitos se apropriam de signos já existentes para produzir novas camadas de sentido. O meme atualiza essa dinâmica, tornando-se uma das formas mais emblemáticas do “bricolage digital” que marca a contemporaneidade. Assim, a análise dos memes não pode restringir-se ao conteúdo isolado de cada imagem, mas deve atentar para o processo de circulação, replicação e ressignificação coletiva que os constitui como fenômenos centrais da cultura digital.

Dessa perspectiva, os memes devem ser compreendidos como agentes ativos na produção de sentido, e não apenas como manifestações de humor ou entretenimento. Eles condensam visões de mundo, reforçam identidades e legitimam

discursos, muitas vezes sob o disfarce da ironia ou da paródia. Assim, tornam-se veículos privilegiados da nova mitologia contemporânea.

A cultura digital, portanto, não rompe com a lógica mítica, mas a transforma. Se antes o mito dependia da autoridade dos meios de comunicação de massa, hoje ele se dissemina de forma horizontalizada, viral, incorporando a estética da fragmentação e da performance típica da sociedade em rede. É nesse novo cenário que os memes se inscrevem como práticas discursivas que atualizam a operação de naturalização dos sentidos descrita por Barthes, exigindo uma abordagem crítica e atenta às suas implicações simbólicas.

### 3. MEMES COMO MITOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

A análise de memes como formas de mitologia contemporânea requer uma atenção especial aos mecanismos de naturalização simbólica que operam nas imagens e textos compartilhados. Assim como Barthes identificou na publicidade e na imprensa dos anos 1950 a produção de mitos adaptados às necessidades da ideologia burguesa, podemos reconhecer nos memes atuais processos semelhantes de ocultação de tensões sociais e legitimação de valores dominantes.

Em **Mitologias (2009)**, Barthes apresenta diversos exemplos que ilustram esse mecanismo. Um dos mais conhecidos é a capa da revista *Paris Match*, na qual um soldado negro, fardado e prestando continência à bandeira francesa, é utilizado para naturalizar a ideia de que o colonialismo francês promovia igualdade e harmonia racial. Outro exemplo é o modo como a publicidade do sabonete Omo, na época, associava a brancura do produto a valores de pureza e moralidade. Em ambos os casos, observa-se o processo de esvaziamento do conteúdo histórico e sua reconfiguração como evidência natural. O signo (soldado negro, espuma branca) deixa de remeter às condições concretas da história exploração colonial, lógica de consumo capitalista para se converter em um significante que legitima ideologias dominantes. É exatamente esse processo que Barthes descreve como operação mítica: a transformação de fatos históricos em naturezas aparentes, que passam a circular como senso comum.

Ao trazer esses exemplos, é possível perceber em que sentido o presente trabalho fala de “processos semelhantes”: assim como as imagens analisadas por

Barthes produziam sentidos ideológicos mascarados de naturalidade, os memes contemporâneos também reconfiguram signos cotidianos, apagando seu contexto histórico para apresentá-los como verdades autoevidentes.

A seguir, serão analisados três memes representativos de diferentes esferas culturais: o discurso político, as relações de consumo e a performatividade identitária. Em cada caso, buscaremos demonstrar como os memes funcionam como operadores de sentido, naturalizando ou contestando determinadas posições ideológicas.

**Imagem 1:** Expectativa versus realidade no sistema de saúde



**Fonte:** Dr Gutemberg (2024).

Este meme apresenta o clássico modelo de **expectativa versus realidade**, aplicando-o ao sistema de saúde pública. De um lado, uma imagem idealizada de um hospital luxuoso e bem equipado; do outro, a representação de um ambiente precário e superlotado. O humor reside na discrepância entre a promessa e a entrega, um recurso comum na estrutura dos memes contemporâneos.

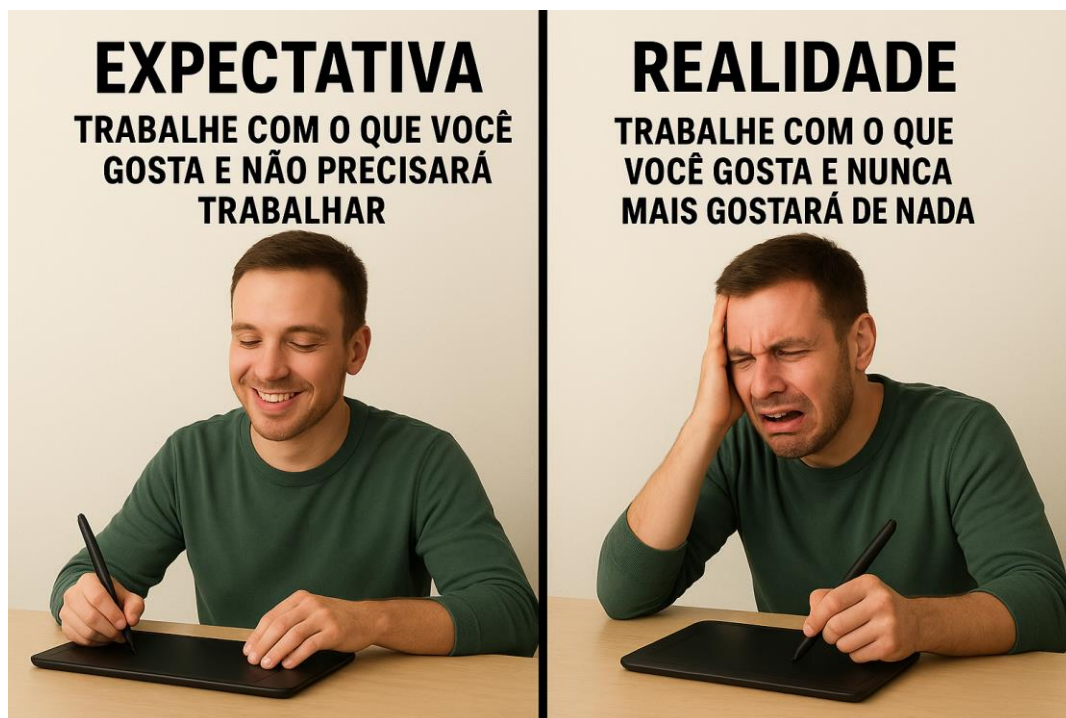
Ao naturalizar a precariedade do serviço público como uma fatalidade inevitável, o meme atua exatamente como um mito barthesiano. Como Barthes (2009) descreve, o mito esvazia o sentido histórico dos signos e os reveste de uma aparência de natureza. É importante esclarecer que, neste contexto, o termo “signo”



refere-se tanto a elementos verbais (palavras e enunciados presentes no meme) quanto a elementos não verbais (as imagens que compõem sua estrutura visual).

Em consonância com a concepção saussuriana apresentada na seção 1, cada signo resulta da articulação entre significante (a forma material, seja palavra escrita ou imagem) e significado (o conceito associado a essa forma). No caso do meme analisado, as fotografias do hospital precário e do hospital luxuoso, assim como as legendas que as acompanham, funcionam como signos que, ao serem reorganizados pelo processo mítico, perdem seu vínculo histórico com causas estruturais como o subfinanciamento crônico e a má gestão e passam a ser percebidos como se expressassem uma realidade natural e inevitável. Trata-se, portanto, de um signo multimodal, no qual a articulação entre texto e imagem potencializa a naturalização ideológica. Aqui, as causas estruturais da crise na saúde como o subfinanciamento crônico e a gestão ineficaz são apagadas, e a falha do serviço é apresentada como uma consequência natural, quase cômica, da realidade.

Shifman (2014) aponta que os memes de crítica social muitas vezes operam paradoxalmente: ao denunciar, também reforçam. Ao zombar das deficiências do sistema, o meme pode tanto suscitar uma consciência crítica quanto contribuir para uma resignação cínica, na qual os problemas são reconhecidos, mas não problematizados em profundidade. Observa-se que, nesse tipo de humor, há uma tendência à banalização dos problemas sociais, esvaziando sua dimensão política. Assim, o meme não apenas retrata uma situação; ele a ressignifica, naturalizando-a. O olhar crítico necessário para transformar a realidade é, de certo modo, anestesiado pela forma leve e irônica da representação.

**Imagem 2:** Trabalho é paixão

**Fonte:** Pinterest.

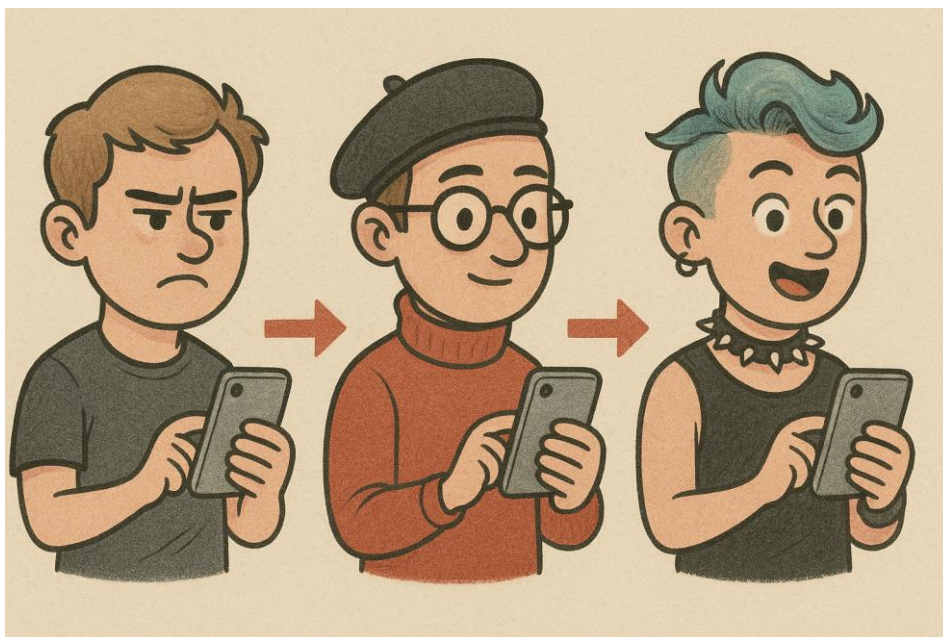
O segundo meme ironiza o discurso corporativo que afirma que "trabalho é paixão". A imagem apresenta um trabalhador exausto, contrastando com slogans empresariais que associam a identidade pessoal ao desempenho laboral. A crítica aqui é direcionada ao mito contemporâneo da realização pessoal através do trabalho, um tema já analisado por Barthes em sua época, quando discutia a naturalização de valores capitalistas, como no exemplo da publicidade que vinculava determinados produtos ao ideal de felicidade e progresso social, apagando suas condições históricas de produção e consumo.

De acordo com Byung-Chul Han (2015), no capitalismo atual há uma tendência de internalização da exploração: o sujeito é incitado a ver o sofrimento e a exaustão como expressões autênticas de sua liberdade. O meme capta essa lógica, desnudando o caráter opressor de um discurso que, sob a aparência de valorização, oculta relações de exploração.

Na leitura barthesiana, esse tipo de discurso funciona como um "mito burguês" por excelência: transforma a necessidade histórica de extrair cada vez mais valor do trabalho em uma virtude naturalizada. Barthes (2009) afirma que o mito é sempre uma fala que justifica e, neste caso, o discurso da paixão pelo trabalho

legítima a intensificação da exploração em nome de um ideal subjetivo. Observa-se, portanto, que o meme atua como um comentário irônico sobre o mito contemporâneo da **vocação profissional**, revelando as tensões e as contradições ocultas sob a superfície das narrativas empresariais. Nesse sentido, seu efeito é ambivalente: ao mesmo tempo em que evidencia a exaustão e a exploração presentes no discurso corporativo, pode também contribuir para naturalizá-las, transformando a crítica em resignação cômica, como observa Shifman (2014).

**Imagem 3:** Identidade fluida



**Fonte:** Pinterest.

Este terceiro meme brinca com a ideia de identidade fluida nas redes sociais, representando um personagem que muda constantemente de opiniões, estilos e autodefinições. A volatilidade das identificações é tratada de forma humorística, por meio da ironia e do exagero visual: a rápida sucessão de mudanças do personagem, ora gótico, ora liberal, ora desconstruído, provoca riso justamente pela caricatura da instabilidade identitária. Esse recurso cômico, embora aparentemente leve, revela um aspecto central da cultura digital: a performatividade incessante da identidade.

Butler (1990), ao desenvolver sua teoria da performatividade de gênero, argumenta que as identidades são construídas por meio de atos repetidos, e não expressões de uma essência interior. No contexto digital, essa lógica se expande para múltiplas dimensões identitárias, produzindo sujeitos que performam

constantemente para audiências invisíveis. O meme evidencia como essa fluidez identitária pode ser tanto um espaço de liberdade quanto uma forma de precariedade subjetiva, uma vez que, ao mesmo tempo em que permite ao indivíduo experimentar diferentes papéis sociais, também o obriga a atualizar-se constantemente para não se tornar irrelevante ou invisível nas redes. Assim, a comicidade do meme funciona como crítica implícita à pressão por reinvenção contínua, que pode gerar tanto empoderamento quanto desgaste emocional.

De acordo com Bauman (2001), a identidade líquida é uma das marcas das sociedades contemporâneas, onde a falta de referências estáveis gera tanto possibilidades quanto angústias. Em termos barthesianos, pode-se dizer que o mito da liberdade absoluta das identidades atua para ocultar as novas formas de normatividade que emergem no ambiente digital. A obrigação de se reinventar constantemente, de ser **autêntico e diferente**, torna-se uma nova norma, tão rígida quanto as anteriores. O meme, ao ironizar essas exigências, contribui para desvelar a construção histórica dessa nova mitologia contemporânea.

Barthes (2009), ao discutir a construção do mito em **Mitologias**, argumenta que o mito é uma forma de linguagem que transforma a história em natureza, naturalizando significações culturais e históricas. No contexto digital, essa naturalização ocorre de maneira acelerada e fluida. A identidade deixa de ser algo dado e torna-se um signo múltiplo, em constante recombinação. O meme capta esse fenômeno ao revelar como a identidade se torna espetáculo um conjunto de signos moldados para consumo público.

O fenômeno não é recente, mas assume contornos inéditos na era da hiperconectividade. Judith Butler (2003), ao pensar o gênero como performance, afirma que a identidade não é um estado fixo, mas uma repetição de atos normatizados. Essa noção é ampliada no ambiente digital: a performance não se limita ao gênero, mas se estende a toda e qualquer forma de identificação. Cada postagem, cada história compartilhada ou avatar escolhido é um gesto performativo que contribui para a construção ou desconstrução de um **eu** que existe principalmente para ser visto.

A imagem do meme potencializa esse argumento ao mostrar que a identidade digital não apenas se adapta, mas se transforma diante da expectativa de engajamento. A mudança de estilos, ideologias e autodefinições revela uma tentativa

constante de pertencimento, de diferenciação e de visibilidade. Trata-se de uma lógica de atualização incessante do **eu**, imposta pela própria estrutura das redes sociais. Como afirma Bauman (2001), vivemos em uma modernidade líquida, na qual as estruturas sociais e pessoais são continuamente desfeitas e refeitas. O meme, nesse caso, opera como síntese simbólica dessa liquidez: ele denuncia, por meio do riso e da ironia, a fragilidade das identidades virtuais.

Shifman (2014) observa que os memes funcionam como veículos de circulação ideológica, condensando críticas culturais em formatos acessíveis e compartilháveis. A sátira apresentada neste caso não é apenas uma brincadeira, mas uma reflexão aguda sobre como os sujeitos se moldam às expectativas externas seja do grupo social, da comunidade online ou do próprio algoritmo. A repetição, o exagero e a caricatura, marcas típicas do meme, desnudam as imposições da performatividade contemporânea.

É possível afirmar que a cultura digital não apenas aceita essa fluidez como também a exige. Identidades que não se renovam tornam-se obsoletas, invisíveis. A cada nova tendência, um novo papel é incorporado. O meme revela, assim, a ansiedade que permeia essa dinâmica: a de ser autêntico em meio a performances que se multiplicam, a de pertencer em um cenário onde a coerência é frequentemente sacrificada em nome da relevância momentânea.

#### **4. ENTRE O MITO E O CLIQUE: REFLEXÕES SOBRE O IMAGINÁRIO DIGITAL**

A partir da análise dos memes apresentados neste estudo, torna-se evidente que eles não se limitam a simples manifestações de humor ou entretenimento efêmero, mas funcionam como dispositivos semióticos complexos, que condensam, transportam e renovam mitologias sociais. Os memes, nesse sentido, operam como mecanismos contemporâneos de significação e reprodução cultural, atuando diretamente sobre o imaginário coletivo, especialmente em uma sociedade saturada por imagens e discursos midiáticos. Tal como propôs Barthes (2009) em **Mitologias**, os signos cotidianos carregam sentidos ideológicos mascarados de naturalidade, e, no caso do meme digital, essa operação simbólica se torna ainda mais sofisticada, pois está inserida em um ambiente de circulação acelerada, de remix contínuo e de constante reapresentação do já-dito.

O meme **Expectativa vs. Realidade: trabalho é paixão** demonstra com clareza esse fenômeno. Ao parodiar o discurso inspiracional que prega a ideia de que se deve **trabalhar com o que se ama**, ele desmonta um dos pilares simbólicos do neoliberalismo afetivo, revelando o esgotamento emocional provocado pela sobreposição entre prazer e produtividade. De maneira concisa e visual, esse meme expõe a falácia do empreendedorismo emocional e da mercantilização da vocação, alinhando-se às críticas de autores como Eva Illouz (2011), que explora como as emoções são gerenciadas e instrumentalizadas no capitalismo tardio. O humor aqui funciona não como fuga, mas como lente crítica: desvela contradições, dramatiza experiências sociais e insinua possibilidades de resistência simbólica.

Do mesmo modo, o meme sobre **identidade fluida** amplia o campo de reflexão ao tocar em questões centrais da subjetividade digital. A constante transformação do personagem representado na imagem ora gótico, ora liberal, ora **desconstruído** revela a multiplicidade e a efemeridade das autodefinições no espaço virtual. Essa oscilação identitária, longe de ser meramente estética, aponta para a lógica performativa que rege os modos de ser nas redes. Como apontam Bauman (2001) e Giddens (1991), vivemos em uma modernidade marcada pela fragmentação, na qual a identidade é cada vez mais resultado de escolhas individuais feitas em meio a pressões sociais difusas. O meme ilustra esse jogo de máscaras com ironia, mas também com precisão sociológica: o **eu** digital é moldado em tempo real pela dinâmica de likes, seguidores, tendências e pertencimentos temporários.

A atuação dessas imagens no campo simbólico é particularmente potente porque os memes circulam de forma viral, utilizando a lógica do compartilhamento como mecanismo de disseminação de ideias. Limor Shifman (2014), em sua análise seminal sobre os memes da internet, ressalta que eles constituem um fenômeno cultural híbrido, articulando humor, crítica social e formas de engajamento político e afetivo. O meme, assim, torna-se uma linguagem própria da era digital: uma gramática que conjuga imagem, texto e *timing* cultural em enunciados com alto poder de contágio simbólico. O que o meme comunica não está apenas em seu

conteúdo explícito, mas também em sua capacidade de capturar o espírito do tempo, **o zeitgeist**<sup>4</sup>, e devolvê-lo ao público em forma de espelho satírico.

Entretanto, a crítica precisa considerar também a ambivalência dessa forma expressiva. Se por um lado os memes podem funcionar como contra-discursos, abrindo brechas para a contestação simbólica e a reinscrição de significados sociais, por outro, eles frequentemente reproduzem estereótipos e reforçam desigualdades, muitas vezes com aparência de neutralidade cômica. A ironia, arma poderosa, pode ser também um véu, um disfarce da manutenção do status quo. Como aponta Terry Eagleton (1991), a ideologia é eficaz precisamente quando se apresenta como senso comum, como aquilo que parece **natural**. Em muitos casos, o meme atua como vetor dessa naturalização: repete discursos de ódio, estetiza preconceitos ou esvazia a crítica em nome do entretenimento.

Essa ambivalência se intensifica no ambiente das redes sociais, onde o valor de uma publicação é frequentemente medido por métricas de engajamento curtidas, compartilhamentos, comentários e não por sua densidade crítica. Isso contribui para a estetização da crítica e para a transformação de enunciados políticos em produtos culturais de consumo rápido. A circulação de memes políticos, por exemplo, pode tanto mobilizar movimentos sociais quanto diluir pautas complexas em slogans fáceis e polarizados. Como observa Byung-Chul Han (2018), a sociedade digital tende à positividade do consenso rápido, onde o dissenso se torna ruído. Os memes, inseridos nessa lógica, oscilam entre a potência disruptiva e a superficialidade viral.

É nesse ponto que o conceito de **resistência simbólica** se mostra fecundo. Michel de Certeau (1994) propõe que os consumidores culturais, longe de serem passivos, operam táticas criativas de apropriação e subversão dos discursos dominantes. O meme, quando articulado de modo crítico, pode funcionar como ferramenta de reinterpretção do mundo, como instrumento de micropolítica cotidiana. No entanto, essa potência depende da capacidade do público de decodificar o signo de maneira reflexiva e não apenas de reproduzi-lo automaticamente.

Finalmente, é necessário destacar que os memes também constroem formas de memória coletiva. Ao condensarem narrativas e emoções em imagens sintéticas, eles se tornam arquivos emocionais de uma época, armazenando afetos sociais, valores e

---

<sup>4</sup> **Zeitgeist** é um termo alemão que significa literalmente “espírito do tempo” e designa o conjunto de ideias, valores e sensibilidades que caracterizam uma época histórica.

tensões que talvez escapassem aos discursos hegemônicos. Nesse sentido, os memes têm valor documental: são rastros de um imaginário social em trânsito, testemunhos visuais do presente fragmentado. Analisar memes, portanto, é também uma forma de fazer arqueologia do contemporâneo, de compreender como pensamos, rimos, nos emocionamos e nos posicionamos coletivamente em meio à babel informacional das redes.

Dessa maneira, o meme não deve ser visto apenas como um artefato trivial da cultura digital, mas como uma expressão condensada de disputas simbólicas, práticas comunicacionais e regimes de sentido. Ele não apenas reflete a cultura em que está inserido, mas também contribui ativamente para (re)construí-la. Barthes, se vivesse hoje, talvez dissesse que o mito contemporâneo deixou de ser apenas o sabonete ou o vinho tinto que ele analisou nos anos 1950 e se tornou o **template do Canva**, um modelo pré-formatado oferecido por uma plataforma digital de design amplamente utilizada para a criação e circulação de conteúdos visuais nas redes sociais, o meme de dois quadrinhos, a piada visual que, por trás do riso, carrega o peso de uma época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da premissa de que os memes, apesar de sua aparente trivialidade, são formas semióticas complexas que operam sobre estruturas simbólicas profundas, atualizando-as sob as lógicas da comunicação digital. A partir do instrumental teórico da semiologia de Roland Barthes especialmente no que tange à noção de mito como um sistema ideológico naturalizado e do diálogo com autores contemporâneos da crítica cultural e das ciências sociais, buscou-se demonstrar que os memes são agentes ativos na construção do imaginário social contemporâneo.

A análise dos três memes selecionados, **Expectativa vs. Realidade: Trabalho é paixão, Identidade fluida e Gênero Fluido**, mostrou que eles não apenas refletem tensões culturais e sociais, mas também as reorganizam simbolicamente, oferecendo chaves de leitura para o mundo atual. Observou-se que esses enunciados visuais não são neutros: carregam intencionalidades, afiliações ideológicas, disputas de sentido. O humor, nesse contexto, se revela como forma de crítica social e como estratégia de resistência simbólica, mas também como potencial vetor de conservadorismo, quando esvazia ou estetiza os conflitos que representa.



É importante destacar que os memes analisados aqui não esgotam a diversidade e complexidade do universo memético. Pelo contrário, eles exemplificam uma fração das possibilidades expressivas e interpretativas que esse gênero comunicacional oferece. Contudo, mesmo dentro desse recorte, foi possível identificar que a estrutura visual dos memes a justaposição de imagens, o uso de legendas, o aproveitamento de templates reconhecíveis articula com eficácia uma narrativa compacta, mas profundamente ressonante. Tal eficácia reside, em parte, na capacidade do meme de atualizar mitologias sociais com uma linguagem que, ao mesmo tempo, diverte e crítica.

Ao propor que o meme funcione como **mito digital**, este trabalho reforça a pertinência da teoria barthesiana em tempos de internet e cultura de rede. Se os mitos do século XX se escondiam nos anúncios de sabão e nas capas de revistas ilustradas, os do século XXI se travestem de meme, de post viral, de conteúdo aparentemente banal. A crítica, portanto, precisa se deslocar junto com os signos: é preciso aprender a lê-los no tempo, no suporte e na linguagem em que se expressam. E, sobretudo, compreender que o riso, longe de ser uma suspensão da crítica, pode ser sua forma mais afiada.

Por fim, este artigo espera ter contribuído para a valorização acadêmica do estudo dos memes como objetos legítimos de análise cultural e semiótica. Em uma sociedade marcada pela aceleração informacional e pela mediatização das subjetividades, compreender os sentidos que circulam nesses fragmentos visuais pode ser também um modo de entender como se constrói e se disputa a própria experiência social. Do ponto de vista teórico, o trabalho reforça a atualidade da proposta semiológica de Roland Barthes, demonstrando que a noção de mito como sistema de segunda ordem de significação continua sendo um instrumental eficaz para pensar os processos de naturalização ideológica na cultura digital. Ao articular Barthes a autores contemporâneos, como Shifman (2014), Jenkins (2009) e Han (2015), procurou-se mostrar que a teoria clássica não apenas se mantém pertinente, mas também se renova quando aplicada a novos objetos e práticas comunicacionais. Nesse sentido, a contribuição teórica do artigo consiste em atualizar a leitura barthesiana do mito para o ambiente dos memes, evidenciando como os mecanismos de naturalização simbólica se deslocam e se reconfiguram nas dinâmicas discursivas da sociedade em rede.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BARTHES, Roland. *Mitologias: o mito hoje*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DANESI, Marcel. *The semiotics of emoji: the rise of visual language in the age of the internet*. London: Bloomsbury Academic, 2017.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture*. New York: New York University Press, 2013.
- LEMOS, André. *Cibercultura*. São Paulo: Sulina, 2009.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press, 2014.